

O LÉXICO CAMPISTA: marcadores identitários e culturais em textos jornalístico-literários¹

Williane de Sá Marques²

RESUMO: Este artigo, que se insere na linha de pesquisa “Comunicação e Cultura” da Pós-Graduação em Literatura, Memória Cultural e Sociedade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos Centro, discorre sobre os conceitos de léxico, cultura e identidade a partir de palavras e expressões presentes no vocabulário da população de Campos dos Goytacazes, município situado na região norte do Estado do Rio de Janeiro. Para isso, recorreu-se às amostras lexicais contidas nas crônicas do jornalista e escritor campista Winston Churchill Rangel publicadas nos livros *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987), *Peixaria do Herval e outros leros* (1990) e *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007); amostras essas catalogadas em *A linguagem da Baixada Goytacá* (1992), do filólogo também nascido em Campos, Álvaro Barcelos. A escolha pela crônica como *corpus* da pesquisa dá-se por ser esta um gênero textual híbrido entre o jornalismo (factual) e a literatura (ficcional), o que contribuiria para a reflexão acerca da realidade sócio-histórica que é manifestada por meio da linguagem escrita. Nesse sentido, por meio da metodologia de análise apresentada por Marconi e Lakatos (2010), o intuito deste trabalho é apontar os significados formais (dicionarizados) e informais dessas palavras e, assim, discutir como se constroem, mantêm e projetam as marcas identitárias e culturais dos campistas no nível lexical.

Palavras-chave: Léxico. Identidade. Cultura. Campos dos Goytacazes.

¹Artigo de conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Literatura, Memória Cultural e Sociedade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *campus* Campos Centro, desenvolvido sob a orientação do Professor Me. Thiago Soares de Oliveira.

²Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário Fluminense (Uniflu) e licencianda em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *campus* Campos Centro. E-mail: ullimarques@gmail.com.

THE LEXICON CAMPISTA: identity and cultural markers in journalistic-literary texts

ABSTRACT: This article, which is part of the research line "Communication and Culture" of the Post-Graduation in Literature, Cultural Memory and Society of the Federal Fluminense Institute of Education, Science and Technology *campus* Center in the city of Campos dos Goytacazes, discusses the concepts of lexicon, culture and identity from words and expressions present in the vocabulary of the population of Campos dos Goytacazes, a municipality located in the northern region of the State of Rio de Janeiro. To do so, we used the lexical samples contained in the chronicles of the journalist and writer who was born in Campos Winston Churchill Rangel published in the books *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987), *Peixaria do Herval e outros leros* (1990) and *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007); samples cataloged in *A linguagem da Baixada Goytacá* (1992), of the philologist also natural from Campos, Álvaro Barcelos. The choice for the chronic as *corpus* of the research is given as a hybrid textual genre between journalism (factual) and (fictional) literature, which contributes to the reflection about the socio-historical reality that is manifested through language writing. In this sense, through the analysis methodology presented by Marconi and Lakatos (2010), the purpose of this paper is to present the formal (dictionary) and informal meanings of these words and, thus, to discuss how to construct, maintain and design the identity and campers at the lexical level.

Keywords: Lexicon.Identity.Culture.Campos dos Goytacazes.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Basta estabelecer um diálogo, ainda que breve, com um campista, para ouvir palavras que, aqueles oriundos de municípios não tão próximos à região norte do Estado do Rio de Janeiro considerariam, no mínimo, peculiares. Ao longo da conversa, não é difícil deparar-se com um “cabrunco” ali, um “lamparão” acolá ou um “siminino” como vocativos na construção frasal do nascido na planície Goitacá. Esses são apenas alguns exemplos de

vocábulos que, embora possam não estar catalogados nos mais conceituados dicionários da língua portuguesa, são parte do léxico de um povo.

O ato de criar palavras ou dar a elas novos conceitos e/ou significados com o propósito de atender às necessidades de expressão de seus falantes é o que os gramáticos, linguistas e estudiosos da língua — como Ismael de Lima Coutinho (1976), Ataliba Teixeira de Castilho (2010) e Ieda Maria Alves (1990) — denominam Neologia. Em Campos dos Goytacazes, a prática pode até não ser conhecida pela sua nomenclatura, mas é tão comum quanto comer churrisco e goiabada cascão, contar e ouvir “causos” no calçadão do Centro ou apreciar o charme do rio Paraíba do Sul, que corta a cidade ao meio: é típico. Isso leva a refletir sobre a ideia de pertencimento e de representação que envolve a língua: os recursos linguísticos produzem efeitos de sentido que revelam aspectos da vida social de determinada comunidade. Heterogêneo e gradual, o vocabulário fornece elementos característicos a respeito do comportamento e da interpretação do mundo por parte dos integrantes de um grupo e esse acervo lexical permite que seja conhecida parte da história dos falantes da língua e suas experiências.

Influenciado pelas expressões, repletas de significado literal e emocional, pronunciadas na comunidade de Matadouro, onde passou a infância, o jornalista, escritor e dramaturgo campista, Winston Churchill Rangel, as utiliza em grande parte das suas obras literárias e teatrais. Neto do administrador do matadouro municipal, Winston vivia entre boiadeiros, magarefes e pescadores e, embora tenha recebido formação erudita, foi irremediavelmente influenciado pela fala dessa gente simples. Quando desatinou a se aventurar pelo campo das letras, viu-se destinado a escrever tendo como referência o vocabulário que tanto ouviu. Em determinado momento, tratou de tornar-se cronista e, usufruindo da veracidade jornalística e da liberdade argumentativa literária, publicou em jornais e, posteriormente, em livros, alguns eventos presenciados ou idealizados vinculados ao seu passado em meio aos neologismos campistas. Esse é o contexto que permeia a escolha das crônicas deste autor como *corpus* deste artigo, uma vez que o regionalismo presente em seus textos literário-jornalísticos pode ser considerado uma manifestação da identidade cultural dos cidadãos de Campos.

A partir das apreciações de léxico de autores como Biderman (2001) e Isquierdo (2003), além de outras de cultura e identidade descritas por Seabra (2015), Laraia (1986), Hall (2011) e Silva (2000), este trabalho foi constituído com a finalidade de apresentar o vocabulário de Campos dos Goytacazes, utilizado em algumas das crônicas de Rangel (1987, 1990, 2007), como parte da tradição coletiva da população; descrever o léxico através do

prisma da cultura e da identidade; bem como contribuir para a ampliação das pesquisas linguísticas e culturais sobre a região. A intenção é testar a hipótese de que certas palavras e expressões utilizadas pelos nascidos e criados na planície Goitacá transmitem a herança cultural desse povo. Afinal, segundo Mattoso Câmara Júnior (1977, p. 21), “a língua é uma parte da cultura, mas se destaca do todo e com ele se conjuga”.

Este trabalho é metodologicamente construído por meio da pesquisa bibliográfica e da documental, ambas apoiadas na conceituação de Marconi e Lakatos (2010, p. 263), constituindo-se em artigo de análise, uma vez que se propõe a analisar “cada elemento constitutivo do assunto e sua relação com o todo”. Antes de desenvolver, porém, a análise propriamente dita, a primeira parte deste trabalho, pretende conceituar e inter-relacionar as noções de cultura e de identidade a partir do léxico, em razão da fonte de dados a que se recorre. Para isso, além dos autores já citados, também serão apresentados conceitos elaborados por Bauman (2005) e Dubar (1997).

Na segunda parte, com finalidade analítica, expor-se-ão brevemente as definições de crônica postuladas por autores como Cândido (1992) e Sá (2008) de modo a introduzir os textos desse gênero publicados nos livros *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987), *Peixaria do Herval e outros leros* (1990) e *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007), de Winston Churchill Rangel. Essas crônicas serão exploradas com o intuito de exemplificar algumas das expressões lexicais campistas, de observar a forma como elas são utilizadas nessas obras jornalístico-literárias, e de legitimar, ou não, a ideia de que o léxico caracteriza e reforça a cultura de um povo, além de contribuir para construção da identidade.

O método da pesquisa será, portanto, a apresentação e a análise das palavras e expressões utilizadas pelo autor a partir de sua memória e imaginação, considerando o contexto em que esses vocábulos são inseridos, com a intenção de compreender seus usos e significados dentro da cultura local. A escolha dos vocábulos utilizados neste trabalho dá-se pela catalogação do filólogo também campista, Álvaro Barcelos, no livro *A linguagem da Baixada Goitacá* (1992), que reúne parte do léxico de Campos dos Goytacazes coletado por meio de entrevistas. Algumas das palavras catalogadas por ele são descritas em grandes dicionários da língua portuguesa como *Michaelis* (1998), *Aurélio* (2010), *Caldas Aulete* (2011) e *Houaiss* (2009) e esses significados “formais” também são expostos na última seção deste trabalho.

Por fim, apesar de o tema requerer um estudo pormenorizado das teorias descritas acima, o presente artigo deve ser avaliado como um ponto de partida para a discussão das

questões referentes ao léxico, à identidade e à cultura, permitindo que os interessados por esse campo de representação sejam iniciados nessas reflexões e, por meio delas, possam ponderar acerca da importância do léxico no contexto social, desenvolver outros trabalhos que possibilitem a difusão do vocabulário de Campos na academia e fornecer dados a respeito do uso da língua nessa região.

2 Léxico, cultura e identidade: conceituação e inter-relação

A língua³, enquanto sistema de signos, exerce a função de representação do ambiente em que os indivíduos estão inseridos, bem como dos conhecimentos por eles absorvidos e/ou transmitidos, sendo, portanto, produto das interações humanas. Essa é a concepção do linguista Ferdinand Saussure (1857-1913), que, em sua obra póstuma, *Curso de Linguística Geral* (2006, p. 39)⁴, expôs que a língua "é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos".

Saussure, considerado o fundador da corrente Estruturalista e precursor da linguística moderna, deixou inúmeras contribuições para os estudos da língua, entre elas as chamadas "dicotomias saussureanas": língua e fala; sintagma e paradigma; sincronia e diacronia; e significante e significado. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure não utiliza o termo "dicotomia", mas apresenta quatro pares de conceitos que sintetizam sua análise, definindo o objeto de estudos da linguística.

As observações a respeito da dicotomia "significante e significado" são as que mais se assemelham à pesquisa proposta neste artigo. Isso porque, Saussure (2006) propunha que o signo linguístico une um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante), isto é, toda palavra que possui um sentido é considerada um signo linguístico. Ainda nesta concepção, o linguista aponta duas características fundamentais desse signo: a arbitrariedade — "[...] visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário"

³É delicada a tarefa de conceituar "língua", uma vez que este é um termo que possui múltiplas definições e sobre o qual várias correntes teóricas já se debruçaram e ainda debruçam. Nesse sentido, para efeitos deste artigo, optou-se por considerar apenas a concepção de Saussure (2006), referendada por de Mattoso Câmara Júnior (1977), por se adequar à proposição aqui anunciada.

⁴A primeira edição do livro *Curso de Linguística Geral* foi publicada em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye, com base em anotações feitas ao longo dos cursos oferecidos por Ferdinand Saussure na Universidade de Genebra entre os anos 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911.

(SAUSSURE, 2006, p. 108); e a linearidade — “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 2006, p. 110).

O pesquisador e linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. também postula a respeito das definições e papéis da língua em seu livro *Princípios de Linguística Geral* (1977). Segundo Mattoso Câmara Jr. (1977, p. 35), a função desta é “expressar a cultura para permitir a comunicação social”, tornando-se, assim, o “acompanhamento de cada fato cultural, dando-lhe um aditamento linguístico” e “propiciando a atuação uns com os outros dos membros participantes de uma atividade coletiva”.

Diante dessas perspectivas, pode-se afirmar que o léxico é a reunião de vocábulos de uma língua, e é por meio dele que são atribuídos sentidos e significados aos fatos, criando conceitos e ideias. Essa afirmação pode ser confirmada por meio da definição dada pela lexicóloga Maria Tereza Camargo Biderman (2001).

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também, as transformações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade (BIDERMAN, 2001, p. 9).

Para a autora, o vocabulário fornece elementos característicos a respeito do comportamento e da interpretação da vida por parte dos integrantes de um grupo. Esse acervo lexical permite que seja conhecida parte da história dos falantes da língua e suas experiências. Essa conceituação é compartilhada pela doutora em Letras, Aparecida Negri Isquierdo, que destaca que

O conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua, por reproduzir a visão de mundo, o patrimônio cultural dos falantes e por testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história, fornece marcas da identidade desse grupo. A forma de usar a língua, particularmente a de escolher as palavras, revela aspectos da maneira de pensar e de agir de um indivíduo/grupo, além de fornecer índices da origem geográfica e da classe social do falante (ISQUERDO, 2003, p. 178).

Há, portanto, uma correlação entre os conceitos de língua e cultura. Sendo aquela o resultado do processo de significação e interpretação de experiências, observa-se que os

conhecimentos de mundo são organizados por meio do léxico e variam de acordo com a comunidade, lugar e tempo em questão. Os vocábulos seriam unidades de sentido utilizadas na construção das práticas discursivas, sendo estas condicionadas aos contextos sociais, históricos e culturais.

É no vocabulário que estão registradas as denominações das ideias e das ações cotidianas de um povo, dos objetos que eles manejam, do trabalho que exercem, dos locais que percorrem e das pessoas com quem convivem. Desse modo, nota-se que as transformações as quais os indivíduos e o seu ambiente sofrem com o decorrer do tempo também estão presentes no léxico. Segundo Biderman (2001), as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares e esse processo pode fazer com que determinados vocábulos entrem em desuso, desapareçam ou até mesmo voltem à circulação e ganhem novas conotações.

Além disso, os usuários modificam a língua de acordo com o surgimento de novos conceitos e novos elementos — como através do desenvolvimento tecnológico, da moda, etc. — sendo o sistema linguístico um reprodutor desses e, principalmente, um marcador cultural, como afirma Alessandro Duranti (2000):

Adquirir un lenguaje significa formar parte de una comunidad de personas que participan en actividades comunes a través del uso, si bien nunca completo, de una gran variedad de recursos comunicativos compartidos. En este sentido, adquirir un lenguaje significa formar parte de una tradición, compartir una historia y, portanto, tener acceso a una memoria colectiva, repleta de historias, alusiones, opiniones, recetas, y otras cosas que nos hacen humanos. No adquirir un lenguaje, o tener únicamente un conjunto muy limitado de sus recursos, significa verse privado de ese acceso” (DURANTI, 2000, p. 447-448).⁵

Essas considerações levam à compreensão de que o vocabulário é determinado pela cultura e esta, por sua vez, é marcada pelos usos da língua. Essa ideia é discutida desde a década de 50, quando Georges Matoré* (1953, p. 62 *apud* SEABRA, 2015, p. 78) propôs o conceito de “Lexicologia Social”. De acordo com o linguista francês, a língua é um fato social⁶ porque, sendo uma “estrutura móvel”, por meio dela é possível conhecer o patrimônio

⁵“Adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma comunidade de pessoas que participam de atividades comuns através do uso, ainda que nunca completo, de uma grande variedade de recursos comunicativos compartilhados. Neste sentido, adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma tradição, compartilhar uma história e, portanto, ter acesso a uma memória coletiva, repleta de histórias, alusões, opiniões, receitas e outras coisas que nos fazem humanos. Não adquirir uma linguagem, ou ter unicamente um conjunto muito limitado de seus recursos, significa ver-se privado desse acesso” (DURANTI, 2000, p. 447-448) (TRADUÇÃO NOSSA).

*MATORÉ, George. *La Méthode en Lexicologie: domaine français*. Paris: Marcel Didier, 1953.

⁶Na realidade, o primeiro estudioso a enfatizar o caráter social da língua teria sido Antoine Meillet (1866-1936). De acordo com ele, “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”

cultural de uma comunidade. Consoante Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (2015, p. 78), o léxico “armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época”.

Partindo do pressuposto de que a língua e a cultura configuram-se como elementos correlativos, é importante definir “cultura”. Haja vista que esse termo é polissêmico, neste trabalho optou-se por entender o conceito segundo a concepção de léxico, inter-relacionando ambos, como fizeram as autoras Ana Maria Pinto Pires de Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo (1998, p. 7), segundo as quais, “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade” e, desse modo, “na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura”. Isto é, a cultura pode ser descrita como acervo de vivências e costumes e fruto da coletividade. É o que diz o antropólogo Roque de Barros Laraia (1986). Com base em sua pesquisa, ele destaca que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 1986, p. 59).

O autor acrescenta que a visão de mundo, a moral, os valores, os comportamentos, as posturas e a língua são “produtos da cultura” (LARAIA, 1986, p. 53). Nessa acepção, não é incorreto entender que a cultura remete aos aspectos de uma realidade e se refere aos conhecimentos e ideias de um povo. Tratar da cultura seria, então, dar ênfase às características sociais, às organizações e às relações interpessoais do grupo em questão. E as palavras, por sua vez, refletem essas normas sociais, essas tradições e experiências, servindo de símbolo e/ou indício da história de dada comunidade em determinada época. Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1972) também crê nessa concepção:

Assim, a língua, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua súpula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la. Isto

(MEILLET, 1921 *apud* CALVET, 2002, p. 16). Meillet era discípulo de Ferdinand de Saussure (1857-1913), mas teria se inspirado no sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) para relacionar os conceitos de língua e sociedade. Outro teórico, contemporâneo a Meillet, e que buscou descrever as origens sociais da linguagem no mesmo período foi o linguista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006, p. 43), onde propôs que “todo o signo [...] resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação” e que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (op. cit., p. 34), uma vez que atua como “indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (op. cit., p. 40).

opõe naturalmente a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e cria uma ciência independente para estudá-la – a linguística em face da antropologia, que estuda todas as outras manifestações culturais. (MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, 1972, p. 269).

Essa afirmativa denota que pensar a língua como estrutura não basta para explicar a sua função social. Tanto que, dessa concepção, nasceu a Linguística⁷ e, mais à frente, a Sociolinguística, ciências que consideram os vocábulos signos constituídos, sobretudo, de significado, e que se instituem como instrumentos de representação sociocultural. Isso significa que a língua, definida como elemento paralelo à sociedade, está atrelada a esta e, portanto, também à cultura que permeia esse grupo de falantes.

Outra autora que aborda o conceito de cultura dentro das concepções de língua é Claire Kramsch* (1998). Ela define “língua” como um dos vários sistemas simbólicos que compõem uma cultura de forma a expressar, incorporar e simbolizar os valores culturais. Cultura, para a autora, é uma “forma de pertencimento em uma comunidade discursiva que compartilha um espaço social e uma história comuns, bem como um imaginário comum” (KRAMSCH, 1998, p. 10 *apud* NOGUEIRA, 2008, p. 46). Kramsch (1998, p. 6) afirma ainda que a cultura impõe aos indivíduos uma estrutura de princípios ao mesmo tempo em que os liberta do “caráter aleatório da natureza”, sendo por meio do legado cultural arraigado pelo povo e da partilha dos valores que seus membros são “empoderados” socialmente.

Com base nessas apreciações, é possível perceber que as atividades linguísticas enfatizam aspectos culturais de uma comunidade e estes, por sua vez, servem como construtores de uma identidade social. A língua, bem como a cultura, institui-se como processo, isto é, está em constante transformação, correspondendo a um acervo construído ao longo das gerações (tempo) em determinada região (espaço). Da mesma forma, a identidade é formada por meio das características compartilhadas entre os membros de uma comunidade.

⁷As elaborações teóricas do linguista e filósofo suíço Ferdinand Saussure propiciaram o desenvolvimento da Linguística, definida por ele como a "ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua" (SAUSSURE, 2006, p. 31). Ele destaca que "a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana" (*op. cit.*, p. 37). A Linguística postulada por Saussure em seu Curso de Linguística Geral (1916) foi adotada sob o termo "estruturalismo", mas, ao longo do tempo, outras correntes teóricas dessa mesma ciência emergiram, como o "funcionalismo", o "gerativismo", etc. A Sociolinguística, por sua vez, é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no que tange às comunidades de fala, correlacionando os aspectos linguísticos aos sociais. Esta ciência, que se consolidou em meados do século XX, é interdisciplinar, uma vez que permeia a fronteira entre a língua e a sociedade. Antes dos anos 1960, outros autores já desenvolviam trabalhos que levavam em consideração o contexto sociocultural em pesquisas linguísticas, como Meillet (1866-1936) e Bakhtin (1895-1975), no entanto, foi William Labov quem, de fato, se debruçou sobre o estudo das variações linguísticas, inaugurando o principal campo de estudo dessa ciência. Não cabe a este trabalho conceituar ou definir o escopo de estudo dessas ciências, portanto, caso haja o interesse em aprofundar o aprendizado a respeito deste tema, sugere-se a leitura de autores como John Lyons (1987), Mário Eduardo Martelotta (2012), José Luiz Fiorin (2006), Fernanda Mussalim e Ana Cristina Bentes (2006), entre outros.

*KRAMSCH, Claire. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

Em outras palavras, é possível diferenciar um grupo de outro por seus aspectos culturais e, entre eles, está a língua.

De acordo com o sociólogo francês Claude Dubar (1997), a identidade se constitui através de processos de socialização que são divididos entre “processo relacional”, correspondente à identidade vista sob a perspectiva do “outro”; e “processo biográfico”, referente às heranças ou projetos pessoais, sendo ambas correlatas uma à outra. O autor entende que a identidade não é única, mas sim “dialética”, e, por isso, prefere referir-se a ela como “formações identitárias”. Para ele,

A identidade social não é ‘transmitida’ por uma geração à seguinte, cada geração a constrói, com base nas categorias e nas posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenvolvidas nas instituições pelas quais os indivíduos passam e que eles contribuem para transformar realmente. Essa construção identitária adquire uma importância particular no campo do trabalho, do emprego e da formação, que conquistou uma grande legitimidade para o reconhecimento da identidade social e para a atribuição dos status sociais (DUBAR, 1997, p. 156).

Outro autor que abordou o conceito de identidade foi o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005). Segundo ele, as identidades podem ser catalogadas em dois nichos, denominados pelo autor como “comunidades”: a comunidade de vida e de destino e a comunidade de ideias, sendo uma atrelada à outra. Bauman (2005) descarta a primeira sob a justificativa de que, em um mundo policultural, as comunidades são desenvolvidas em torno das escolhas, comparações e conciliações e não de ideias fatalistas e reducionistas.

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age — e a determinação de se manter firme a tudo isso — são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17).

O sociólogo acrescenta que “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19). Para ele, diante do que chama de “modernidade líquida”, ocorre uma espécie de “crise do pertencimento” e, por isso, as identidades acabam sendo infinitas e, conseqüentemente, dissolutas, fragmentadas e inconclusas.

Essa ideia encaminha a discussão para o lado da “identidade cultural” conceituada pelo teórico e sociólogo jamaicano, Stuart Hall (2011). Segundo esse autor, o pertencimento

está atrelado aos aspectos relacionados às etnias, às religiões, às tradições regionais e nacionais e também às questões linguísticas. Ele entende que existem três concepções de identidade ligadas às noções de sujeito: o “sujeito do Iluminismo”, que expressa uma visão individualista, prevalecendo a razão; o “sujeito sociológico”, construído nas relações e interações interpessoais e entendido como “parte do todo”; e o “sujeito pós-moderno”, este sem identidade fixa, que é influenciado pelos diversos sistemas culturais em que lhe são apresentados e que assume diferentes e temporárias posturas de acordo com os contextos em que está inserido. Hall (2011) discorre sobre a influência das transformações histórico-sociais nesse processo de entendimento do sujeito, sendo a mais recente delas a globalização; e que essas transformações gerariam uma espécie de “crise de identidade” nos sujeitos pós-modernos devido às constantes mutações a que são submetidos. Em síntese, para Hall (2011), identidade é um conceito complexo que está ligado a fatores diversos, entre eles o que se entende por sociedade e cultura.

Dentro desse contexto, a identidade parece ser um elemento que só existe atrelado a outros, ou seja, embora o termo soe como um conjunto de características único que compõe a identificação dos sujeitos individualmente, essa identidade se constitui por meio de fatores externos, como o meio em que esses sujeitos estão inseridos, a memória coletiva presente na cultura desse meio, etc. Para o autor Thomas Tadeu da Silva (2000), a identidade é uma relação social que está estreitamente ligada a sistemas de significação. De acordo com ele, em uma definição discursiva e linguística, esse conceito está sujeito a relações de poder e isso significa que as identidades são impostas. Em outras palavras, “a identidade é um significado — cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2000, p. 6).

É importante esclarecer que o que se pretendeu nos parágrafos acima foi inter-relacionar os conceitos de léxico, cultura e identidade, apresentando as definições de alguns importantes teóricos que consideram e desenvolvem essas análises. Trata-se de uma explanação, de natureza bibliográfica e descritiva, visando apresentar teorias já abordadas de forma a contribuir para a discussão desses temas e introduzir o tópico seguinte.

3 O léxico campista como marcador identitário e cultural

Antes de abordar o léxico campista como marcador identitário e cultural, principiando a análise do *corpus* selecionado, é importante conceituar brevemente "crônica"⁸, gênero textual em que se encaixa a obra de Winston Churchill Rangel (1985, 1990, 2007) aqui analisada.

A palavra "crônica", etimologicamente, está associada ao vocábulo "khrónos" (no grego) ou "chronos" (no latim), que, em ambas as línguas históricas significa "tempo". Na contemporaneidade, a crônica seria, de acordo com o autor William Valentine Redmond (2010) um gênero literário produzido, inicialmente, para ser veiculado na imprensa, podendo ser caracterizado pela poesia ou pela ironia e que teria como motivação para a escrita os acontecimentos cotidianos e corriqueiros.

Ainda segundo Redmond (2010, p. 137), a crônica passou a circular nos jornais em forma de folhetim "caracterizada por uma autonomia estético-estilística que a valorizou como gênero literário", mas, somente no século XX firmou-se como tal. O autor destaca também dois sentidos dessa narrativa cronística os quais teriam contribuído para a sua popularidade: o caráter de relato histórico, ligado à etimologia da palavra "crônica", e seu atributo de literatura associada ao jornalismo, o que favoreceria o estabelecimento de uma relação de familiaridade entre o autor e o leitor.

A crônica brasileira explora uma linguagem lírica, irônica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo. Registra o circunstancial e o efêmero; o real é recriado com engenho e arte. Cultiva a função poética da linguagem, imprime leveza ao discurso, revela e valoriza, na visão do autor, a crítica de um momento histórico, atenuando o vínculo de temporalidade que eterniza o texto. A crônica, por possuir uma linguagem que se aproxima do modo de ser mais natural das pessoas, age como uma quebra monumental e dá ênfase aos fatos, apresentando uma singularidade insuspeitável (REDMOND, 2010, p. 139-140).

Essas características apontadas pelo autor indicam que a crônica, embora seja, a princípio, uma narrativa ficcional, as ideias e acontecimentos que permeiam o texto podem fazer alusão à realidade do autor e/ou da comunidade em que ele está inserido. Jorge de Sá (2008) aponta outro atributo a ser considerado a respeito das crônicas. Segundo ele, o narrador das crônicas é, comumente, o próprio autor do texto, e as afirmações, conjecturas e relatos ali descritos podem ser, de fato, reais. Esse hibridismo entre a realidade e a ficção, bem como o linguajar, muitas vezes despojado, que se constitui o texto, são aspectos que

⁸O presente trabalho não tem a pretensão de aprofundar os estudos relacionados ao gênero textual crônica, uma vez que o tema desta pesquisa é o léxico, ainda que os textos dessa ordem sejam utilizados no *corpus* da análise. Aos leitores interessados em ampliar o conhecimento a respeito das crônicas, sugere-se a leitura de autores como Massaud Moisés (2003), Afrânio Coutinho (2003), Davi Arrigucci Jr (1987), além dos aqui citados, William Valentine Redmond (2010), Antônio Cândido (1992) e Jorge Sá (2008).

contribuem para que os leitores se sintam como se estivessem “diante de uma reportagem” e acreditem nos episódios narrados.

No que tange ao trabalho em questão, esses apontamentos justificam a escolha desse gênero como *corpus* da pesquisa, visto que há verossimilhança entre o que é narrado no texto e o que é vivido na realidade, tanto que outra qualidade intrínseca desse gênero textual é a capacidade de transmitir o íntimo por meio da simplicidade. É o que Antônio Cândido (1992) chama de literatura ao “rés-do-chão”.

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. [...] Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. [...] o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava, talvez como prêmio por ser tão despreziosa, insinuante e reveladora (CÂNDIDO, 1992, s/p).

A partir dessa breve conceituação, observa-se que a crônica, com suas características circunstanciais e de linguagem próxima à oralidade, pode ser apreciada como um texto de caráter informal e que, a depender das intenções do autor, pode também possuir registros típicos da fala. Em vista disso, neste trabalho optou-se por utilizar textos dessa ordem a fim de recolher amostras do léxico proveniente dos falantes de Campos dos Goytacazes, considerando que o autor das obras apreciadas neste artigo é natural de tal município e tem como característica do seu estilo textual o uso de alguns desses vocábulos.

Como dito acima, analisam-se aqui três livros de crônicas escritos por Winston Churchill Rangel — *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987), *Peixaria do Herval e outros leros* (1990) e *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007)⁹. Os textos impressos nestes exemplares foram redigidos, a princípio, para publicação em jornais, sendo compilados em livro posteriormente.

⁹Os três livros utilizados neste trabalho são frutos de edição artesanal e, portanto, não possuem registro ISBN — *International Standard Book Number*, sistema internacional padronizado que cataloga e identifica numericamente as obras literárias por título, autor, país, editora e edição. Isso significa que as obras utilizadas na pesquisa não são facilmente encontradas e/ou distribuídas em bibliotecas e livrarias, estando, atualmente, restritas a acervos pessoais e/ou sebos.

A eleição das crônicas de Rangel como *corpus* desta pesquisa justifica-se também pelo fato de ele ser um dos escritores campistas ainda vivos que têm como estilo literário o regionalismo linguístico de Campos. Esses textos também expressam o dia a dia dos campistas, pois citam locais conhecidos pelos seus habitantes e costumes comuns à população do lugar.

Tendo em vista a definição deste trabalho como um artigo de análise, buscou-se relacionar as amostras lexicais tipicamente campistas e seus respectivos contextos nas crônicas aos significados expostos pelo linguista Álvaro Barcelos no livro *A linguagem da Baixada Goitacá* (1992), bem como aos dicionários de língua portuguesa *Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa* (1998), *Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (2010), *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (2011) e *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009).

A escolha pela utilização do livro de Barcelos (1992) deu-se por esta ser uma obra de referência, uma vez que reúne os vocábulos típicos da região e expõe dos seus significados. É válido ressaltar que o autor se refere especificamente ao linguajar da Baixada Campista, área de suma importância histórico-cultural e econômica para o município de Campos. Entretanto, os vocábulos catalogados pelo autor não são restritos aos moradores daquele local, mas estão presentes no léxico de indivíduos oriundos de outras áreas da mesma cidade, sobretudo localidades rurais e/ou economicamente carentes. Ainda segundo Barcelos (1992, p. 16), as palavras citadas são conservadas “mormente pelas pessoas mais idosas, de inteligência nativa e pouco ou não-viajadas”. Quanto à escolha dos quatro dicionários da língua portuguesa citados acima, dá-se por esses serem alguns dos maiores e mais populares no Brasil.

Durante a pesquisa, notou-se que alguns vocábulos que, em princípio, seriam tipicamente campistas, também estão catalogados nesses grandes dicionários. Isso pode ser explicado pelo o fato de o léxico ser um conjunto de elementos compartilhados entre indivíduos, o que permitiria a exportação natural de determinadas palavras para outras comunidades linguísticas, tornando-se complexa a tarefa de designar uma procedência exata. Aliás, o professor Bruno Fregni Basseto (2010, p. 127) concebe o léxico como “um inventário aberto, em parte mutável”. Mas, ainda assim, não é possível desconsiderar a importância que esses vocábulos têm para cultura e a identidade da população de Campos.

Diante dessa proposta e considerações, após a leitura, recolheram-se nas obras de Rangel (1987, 1990, 2007) cinco¹⁰ vocábulos e expressões que, de acordo com Barcelos

¹⁰É importante esclarecer que foram encontrados ainda outros vocábulos e expressões não dicionarizados que, de acordo com o autor das crônicas, seriam originários da região, como “enferruscada”, “desengrazar”,

(1992), são formas linguísticas transmitidas oralmente de geração a geração aos campistas e que, até a publicação do livro, não estariam dicionarizadas ou que ganharam significados diferentes do primário a partir do uso dos falantes. São esses: “engomador”, “canhanha”, “macega”, “cabrunco” e “farturento”.

O primeiro, “engomador”, foi encontrado na crônica *O Mergulho do Macaco Neptuno* do livro *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987, p. 20): “Um *engomador*, daqueles de carvão em brasa, que a mãe usava para passar a roupa”. Percebe-se que somente pelo contexto já é possível identificar o significado desse vocábulo, mas seguem as conceituações das obras consultadas:

“Engomador”	
Barcelos (1992)	“Engomar+dor. Ferro de passar roupa”.
Michaelis (1998)	Pode ser um adjetivo que significa “que engoma” ou um substantivo masculino que designa “aquele que tem a profissão de engomar roupa”.
Houaiss (2009)	Refere-se a “que ou aquele que engoma” ou “que ou aquele que engoma profissionalmente”
Aurélio (2010)	Apresenta três significados: o adjetivo “que engoma”, o substantivo masculino “aquele que engoma roupa” e, por fim, “ferro de engomar; ferro de passar”, este último classificado como uma palavra de variante geográfica brasileira.
Aulete (2011)	Tal palavra não está catalogada.

Quatro 1: Significado de “engomador”

Nota-se que, nos dicionários formais, com exceção do *Aurélio* (2010), “engomador” exerce a função de adjetivo ou substantivo masculino referente a uma profissão ou atividade, sendo uma palavra formada pela junção do verbo “engomar” com o sufixo “-dor”, este de origem latina que exprime a ideia de agente. No entanto, segundo Barcelos (1992), para os campistas, “engomador” seria um substantivo referente a um objeto de uso doméstico. Supõe-se que a significação do sufixo ainda é válida, considerando que o ferro de passar roupas também tem a função de engomar, mas, neste caso, o fato de fazer referência a um artefato inanimado, e não a uma função de um indivíduo, já demonstra divergência entre os significados.

O próximo vocábulo extraído das crônicas analisadas é “canhanha”, presente no segundo livro de Rangel, *Peixaria do Herval e outros leros* (1990, p. 10) em texto homônimo:

“pendurico”, “garrotinho”, “rabo-de-égua”, “baixios”, “cristuda”, “chorococando”, entre outros. No entanto, essas amostras lexicais não estão catalogadas no livro *A linguagem da Baixada Goitacá* e se desconhece a existência de outro dicionário que registre o léxico campista. Por esse motivo, optou-se por desconsiderar esses vocábulos nesta pesquisa.

“[...] uns que nascem e se perpetuam sem dentes, donos de *canhanha* mais forte do que torquês [...]”. Inicialmente, é possível notar que tal palavra tem significado relacionado à dentição humana.

“Canhanha”	
Barcelos (1992)	É um substantivo masculino que tem o sentido de “desdentado, banguela”.
Michaelis (1998)	Pode referir-se a um “peixe marinho, da família dos Esparídeos (<i>Archosargus unimaculatus</i>)” ou a “fraude, mercador, sambuío, sambulho, canhenha”.
Houaiss (2009)	Apresenta duas interpretações: a primeira, descrita como de origem tupi e empregada no Estado do Rio de Janeiro, é a mesma descrita por Barcelos (1992): “banguela”. Já o segundo significado está relacionado à zoologia e refere-se a um “peixe, actinoptério, teleosteo, perciforme, esparídeo (<i>Archosargus unimaculatus</i>), do Atlântico”.
Aurélio (2010)	Significa “indivíduo desprovido de dentes; banguela” ou “aquele que não tem dentes”. Os autores desse dicionário destacam que essa palavra seria, possivelmente, de origem tupi.
Aulete (2011)	Classifica o vocábulo com o significado de “banguela (‘sem dente’), bem como de “sargo-de-dente (<i>Archosargus rhomboidalis</i>)”.

Quatro 2: Significado de “canhanha”

Essa multiplicidade de sentidos para um único vocábulo é explicada por Silva (2000, p. 17) como o resultado da “representação”, ou seja, “as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos”, e é por meio desse processo que “posicionamo-nos como sujeitos”. Em outras palavras, o autor afirma que as significações empregadas nos vocábulos têm relação com os indivíduos que promovem essa ação e suas experiências sociais.

Ainda sobre a palavra “canhanha”, percebe-se que o significado empregado em Campos seria de origem indígena e é compartilhado por integrantes de outras comunidades linguísticas, haja vista que a conceituação dada por Barcelos (1992) é semelhante à dos dicionários utilizados nesta pesquisa. Contudo, o fato de a mesma palavra com o análogo significado ser pronunciada por indivíduos oriundos de diferentes localidades não exclui a importância que esse vocábulo exerce sobre o léxico de um lugar específico, no caso Campos dos Goytacazes. Isso significa que, embora não seja possível afirmar que “canhanha” é um vocábulo tipicamente campista, é utilizado pelos falantes dessa região, tanto que está presente na catalogação do linguista Álano Barcelos.

Quanto à palavra “macega”, esta foi retirada da crônica *Reencontro no Boulevard* do livro *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007, p. 62): “É porque achei muito abandonada, muita *macega*”.

“Macega”	
Barcelos (1992)	Consta apenas o adjetivo masculino “maceguento” que se origina do substantivo “macega”. De acordo com o linguista, aquele significa “maltratado, descomposto”.
Michaelis (1998)	É um substantivo feminino com quatro significados: “erva daninha, infestante das searas”; “campo natural, cujo capim, muito amadurecido, está grosso e fibroso”; “erva graminácea (<i>Erianthus saccharoides</i>), também chamada de cana-brava”; e “gramídea alta e rígida, com folhas cortantes (<i>Andropogon spathiflorus</i>), também chamada de capim-taquarizinho”.
Houaiss (2009)	Significa “erva daninha que costuma nascer em áreas cultivadas”; “capim alto e seco, que dificulta a movimentação, trânsito, etc. no campo”; especificamente no Rio Grande do Sul, a palavra teria o significado de “arbusto rasteiro que cresce nos campos de má qualidade”; e, no Sergipe, seria, no sentido figurado, “coisas embaralhadas, mal ordenadas; maçaroca”, no entanto, a origem deste significado seria “obscura”, segundo o verbete.
Aurélio (2010)	Pode ser um substantivo feminino que significa “erva daninha que surge nas searas”; um substantivo de origem brasileira com sentido de “capim dos campos, quando seco e tão crescido que dificulta o trânsito” e, no Rio Grande do Sul, também pode significar “arbusto rasteiro que viceja, em geral, nos campos de qualidade inferior”.
Aulete (2011)	Utilizada tanto no sentido de “erva daninha que nasce em terras cultivadas”; “campina suja, com capim alto e seco, a ponte de dificultar a passagem”; “arbusto rasteiro que cresce geralmente em terreno de baixa qualidade”, no Rio Grande do Sul; quanto como “conjunto de coisas embaralhadas, mal ordenadas; maçarocada, confusão”, significado esse também descrito como de origem etimológica “obscura”.

Quatro 3: Significado de “macega”

Percebe-se, portanto, que, na crônica, o substantivo “macega” não é empregado com o sentido exato dos dois primeiros dicionários aqui expostos, *Michaelis* (1998) e *Aurélio* (2010), e, na catalogação de Álvaro Barcelos (1992), não há significado para “macega”, somente para o adjetivo derivado desse, “maceguento”. Isso demonstra que o significado que mais se adequa a esse vocábulo de acordo com o contexto da crônica seria os últimos do *Aulete* (2011) e do *Houaiss* (2009), mas, como já foi explicitado pelos seus autores, não é possível especificar a origem dessa significação. Nota-se que, embora o mesmo vocábulo possa ser utilizado em variadas comunidades linguísticas, também pode ser empregado de

maneira diferente em cada uma delas, ou seja, a língua falada (ou escrita de modo que represente a fala, como no caso das crônicas de Rangel) apresenta autonomia em relação à língua portuguesa padrão, pois tem suas próprias particularidades a depender de aspectos culturais, sociais e geográficos que permeiam seus falantes.

Já a palavra “cabrunco” consta em duas crônicas do primeiro livro (1987, p. 34 e p. 61), *Água e Sabão* (“Onde está a educação que eu te dei, *cabrunco* desgraçado”) e *Conversa de Boulevard* (“*Cabrunco*, mal de roda”); em uma crônica do segundo livro (1990, p. 33), *Dos Meus Amigos* (“Deixa que eu vou a pé, *cabrunco*”); e em outra crônica da terceira obra (2007, p. 59), *Reencontro no Boulevard* (“*Cabrunco!*”). Percebe-se pelo contexto das frases que esse vocábulo é utilizado como vocativo e interjeição.

“Cabrunco”	
Barcelos (1992)	É um substantivo e adjetivo masculino que significa “nome de xingamento” e que “às vezes é empregado com conotação positiva”.
Michaelis (1998)	Tal palavra não está catalogada.
Houaiss (2009)	Tal palavra não está catalogada.
Aurélio (2010)	Tal palavra não está catalogada.
Aulete (2011)	Tal palavra não está catalogada.

Quatro 4: Significado de “cabrunco”

Fato análogo ocorre com outro vocábulo encontrado nos textos analisados, “farturento”. Essa palavra está presente na crônica *Novena Para Amansar Corno*, também do último livro de Rangel (2007, p. 137): “Orgulhoso ao ser considerado [...] amoroso, pai zeloso, *farturento*, competente [...]”. Por meio do contexto, compreende-se tal palavra como um adjetivo masculino.

“Farturento”	
Barcelos (1992)	Advém de “fartura” significando, portanto, “qualidade do que tem muita fartura” ou “analogia com sedento”.
Michaelis (1998)	Tal palavra não está catalogada.
Houaiss (2009)	Tal palavra não está catalogada.
Aurélio (2010)	Tal palavra não está catalogada.
Aulete (2011)	Tal palavra não está catalogada.

Quatro 5: Significado de “farturento”

A ausência de significações formais e inventariadas em grandes dicionários demonstra que as palavras “cabrunco” e “farturento” podem não exprimir sentido para a maioria da população falante da língua portuguesa. Isso confirma a hipótese de que esses termos fazem

parte do acervo de um grupo específico de pessoas, de modo a exprimir uma visão particular-comunitária de mundo, isto é, partindo do pressuposto de que essas expressões são restritas aos integrantes de determinada comunidade, é possível afirmar que as palavras acima funcionam como marcadores identitários e culturais de seus falantes. Essa é a apreciação de Isquerdo (2003, p. 91). Para ela, “o estudo do léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo”. A afirmativa é compartilhada por Seabra (2015) quando declara que,

Como portadoras de significado, as unidades lexicais refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo. Desse modo, como reflete a multiplicidade do real, constitui a reserva onde as pessoas dispõem as palavras ao ritmo de suas necessidades. Por isso, ao invés de se constituir um sistema de sentido restrito, forma um conjunto aberto e não autônomo o que faz com que não se possa lhe dar uma descrição sistemática ou simples [...] (SEABRA, 2015, p. 79).

Em suma, ambas as autoras confirmam a hipótese deste trabalho, uma vez que reiteram que o léxico e as palavras que o formam são fatores constitutivos de uma comunidade porque nomeiam e descrevem os elementos que cercam seus integrantes. Essa ideia também tem relação com a concepção de Stuart Hall (2011) para a formação das identidades. Ele declara que o processo de formação identitária depende dos fatores sociais que agem sobre os indivíduos e esse conceito, por sua vez, está atrelado à concepção de léxico e cultura expostos por Seabra (2015, p. 73) que afirma que o léxico é parte do patrimônio cultural de uma comunidade, uma vez que os vocábulos são transmitidos entre gerações como “signos operacionais”, assim, o “patrimônio lexical [...] constitui um arquivo que acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo [...] ser considerado testemunho de uma época”.

Diante dessa exposição de vocábulos e de seus significados, das concepções de léxico, cultura e identidade, e da reflexão aqui impendida, nota-se que o acervo vocabular de um grupo social representa os hábitos, costumes e valores compartilhados entre os indivíduos, uma vez que é por meio da língua que o homem sintetiza seu modo de interpretar e estruturar o mundo onde vive. Em vista disso, é correto afirmar, com base nas palavras extraídas das crônicas de Rangel (1987, 1990, 2007) e nos significados expostos por Álvaro Barcelos (1992), que o léxico desponta como marcador identitário e cultural dos campistas.

O fenômeno pôde ser observado mais precisamente por meio dos vocábulos “cabrunco” e “farturento” que, embora estejam presentes no acervo de Barcelos (1992) do

linguajar campista, não estão catalogados nos grandes dicionários da língua portuguesa. Em suma, a língua falada e a representação desta em textos de ordem literário-jornalística — como as crônicas, que podem ser escritas com linguagem próxima à oralidade — estão, ao que parece, intrinsecamente relacionadas à identidade e aos aspectos culturais do povo que as pronunciam e registram.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho de cunho teórico e analítico foi expor os elementos do léxico proveniente de Campos dos Goytacazes presentes nas crônicas do escritor e jornalista campista, Winston Churchill Rangel (1987, 1990, 2007), e, recorrendo a essas amostras lexicais, confirmar a hipótese de que o vocabulário é um dos meios a partir dos quais se manifesta a cultura de um povo. Partindo das concepções de léxico, de cultura e de identidade postuladas por autores que se debruçaram sobre esses temas, tencionou-se descrever os significados dos vocábulos recolhidos nos textos literário-jornalísticos que foram apresentados pelo linguista Álano Barcelos (1992), e também os verbetes de grandes dicionários da língua portuguesa.

A escolha por esse objeto deu-se devido à relevância que o vocabulário regional tem para os cidadãos campistas. Vale considerar que o intuito foi buscar as referidas expressões em obras literárias e/ou jornalísticas, mas que tivessem relação com os modos de falar da comunidade campista, por isso a opção por textos classificados no gênero textual crônica.

Na primeira seção deste trabalho, expuseram-se concepções diversas, considerando os pontos de vista de especialistas no debate da cultura e da identidade. O intuito foi fornecer embasamento teórico para a análise, concretizada na segunda parte do artigo.

No desdobramento do estudo, percebeu-se que a maioria das palavras não-dicionarizadas utilizadas por Rangel em suas crônicas não foram catalogadas por Barcelos (1992) e, portanto, não seria possível afirmar que elas são originárias dos falantes de Campos. Desse modo, optou-se por utilizar nesta pesquisa somente aquelas que foram citadas pelo linguista em seu inventário vocabular, elaborado por meio de entrevistas e publicado 25 anos antes do presente artigo.

Reitera-se, pois, o desconhecimento da existência de acervos do linguajar da região atualizados e/ou mais extensos que pudessem ser utilizados para o desenvolvimento desta

pesquisa. Essa carência motivou a opção por descrever apenas as cinco amostras lexicais retiradas das crônicas e, entre elas, somente duas não estão catalogadas nos quatro dicionários da língua portuguesa examinados — “cabrunco” e “fartureto”. Isso pode ser considerado um indicativo de que essas palavras são de origem campista. As outras — “canhanha”, “engomador” e “macega” — têm seus significados expostos em pelo um desses acervos lexicais formais, o que sugere que esses vocábulos são familiares a uma parcela relevante da população brasileira e não somente aos campistas.

Como dito anteriormente, por se tratar de um elemento cultural e estar submetido às mudanças sociais e históricas, o léxico é mutável e expansível, e essas duas características contribuem para a dificuldade em afirmar se as palavras são, de fato, típicas do município em questão. Desse modo, ainda que “cabrunco” e “fartureto” estejam presentes no inventário de Barcelos (1992), mas não nos dicionários formais, não é possível afirmar que essas duas palavras foram concebidas e são pronunciadas apenas em Campos dos Goytacazes. No entanto, essa máxima não exclui o fato de que, tanto essas quanto as outras expressões recolhidas neste artigo, têm influência na cultura e na identidade da população da região.

Por fim, o estudo do léxico como fator identitário e cultural da população campista não foi esgotado neste trabalho; ao contrário, a relevância do tema faz necessário o prosseguimento desta pesquisa, considerando obras literárias de outros autores provenientes do município e que também fazem uso das expressões regionais. No mais, acredita-se que o presente trabalho venha contribuir para essas futuras análises, além de fornecer dados indiciais que ratificam a importância que o vocabulário local exerce sobre os registros factuais ou fictícios da história de Campos dos Goytacazes e de seus municípios.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66. Disponível em: <disciplinas.usp.br/pluginfile.php/1918754/mod_folder/content/0/Davi%20Arrigucci%20FRAGMENTOS%20SOBRE%20A%20CR%C3%94NICA.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 7 de nov. de 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 (Originalmente publicado em 1929). P. 29-37. Disponível em:

<http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf>. Acesso em: 7 de nov. de 2017.

BARCELOS, Álvaro. **A linguagem da Baixada Goitacá**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1992.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: História interna das línguas românicas. V. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Disponível em:
<<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/bauman-zygmunt-identidade.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. pp. 13-22. Disponível em: <<https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/>>. Acesso em: 12 de ago. de 2017.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2003, vol. 6.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. **A socialização**. Porto: Porto Editora, 1997.

DURANTI, Alessandro. **Antropología lingüística**. Traducción de Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000. Disponível em:
<<https://reflexionesdecoloniales.files.wordpress.com/2017/01/antropologia-linguistica-alessandro-duranti-copia.pdf>>. Acesso em: 10 de set. de 2017.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. V. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GEIGER, Paulo (org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Novo Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jéri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (orgs.). **História, região e identidades**. Campo Grande, Editora da UFMS, 2003.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura** – um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. **Os estudos de português no Brasil** (Dispersos; Língua e Cultura). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

_____. **Princípios de Linguística Geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1977.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramento, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária** – Prosa II. São Paulo: Cultrix, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, V.1, 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NOGUEIRA, Maria Cristina Matos. **Por que não me deixar falar na língua que eu quiser?** Educação em língua estrangeira, identidade e educação intercultural. 2008. 205 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410353_08_cap_02.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: _____ (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

RANGEL, Winston Churchill. **Cerca Lourenço e outras histórias**. Campos dos Goytacazes: Edição Artesanal do Autor, 1987.

_____. **Peixaria do Herval e outros leros**. Campos dos Goytacazes: Edição Artesanal do Autor, 1990.

_____. **O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos.** Campos dos Goytacazes: Edição Artesanal do Autor, 2007.

REDMOND, William Valentine. Aspectos da crônica no Brasil: uma reflexão crítica. **Verbo de Minas**, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/download/238/145>>. Acesso em: 28 de ago. de 2017.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura e Léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (orgs.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/linguagem-sociedade-discurso/0004.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2017.